

## infância real, infância fabricada – entrevista com rené schérer<sup>1</sup>

*lundimatin*

*Há alguns meses, um certo número de editorialistas e intelectuais da mídia tem acusado regularmente “a esquerda”, “os meiaoitistas” ou “os intelectuais dos anos setenta” de terem feito apologia à pedofilia. Entre os acusados, Guy Hocquenghem, escritor que morreu em decorrência da aids em 1988, levou no verão passado a pecha de “apologista da pedocriminalidade”. A placa em homenagem a ele, recém fixada na rua onde ele havia morado em Paris, foi retirada.*

*Em meio a esta polêmica, publicamos em outubro passado um artigo intitulado Le système de l'enfance, mostrando que o pensamento de Guy Hocquenghem, e René Schérer (companheiro e amigo com quem ele escreveu Coir, álbum sistemático da infância [Co-ire, album systématique de l'enfance], obra da qual têm sido citados alguns trechos descontextualizados) não abrange qualquer defesa dos abusos cometidos por adultos contra crianças, mas, ao contrário, consiste numa reflexão sobre a produção histórica da infância.*

*Algumas semanas após a publicação deste artigo, René Schérer — hoje com noventa e oito anos de idade — nos rece-*

---

<sup>1</sup> Publicado em 15/02/2021.

*beu em sua casa e concordou em retomar, na entrevista que se segue, os cinco livros sobre infância que publicou entre 1974 e 1979, os quais se situam todos numa crítica ao panóptico da infância, a saber, a vigilância onipresente das crianças associada à negação de seus desejos. Enquanto a operação da extrema direita e, depois, de um certo feminismo, seria para reivindicar que essas obras filosóficas pretendiam justificar a detenção e a violência sexual cometida por adultos sobre crianças, René Schérer explica mais uma vez que se trata, ao contrário, de pensar a liberação da infância quanto à sujeição aos adultos. Em nosso artigo publicado em outubro passado, declaramos que “Guy Hocquenghem e René Schérer são os criadores de um pensamento poderoso e complexo sobre o sistema da infância, um pensamento que, sem que possamos torná-lo nossos quarenta anos depois, merece ser conhecido.” Retomando notadamente a influência exercida por maio de 1968, o feminismo, o movimento homossexual e antipsiquiatria, esta entrevista nos permitirá, esperamos, compreender melhor a elaboração teórica de René Schérer a respeito da infância, e situar esta reflexão na história das lutas e das ideias revolucionárias.*

— *Como você sabe, neste verão de 2020 surgiu uma polêmica a respeito dos escritos de Guy Hocquenghem sobre a infância — e sobre os seus — e a placa em homenagem a ele, afixada no local onde ele havia vivido, foi retirada, após uma campanha liderada por algumas ativistas feministas, em particular, acusando-o de ser “pró-pedófilo”, e até mesmo de ser pedófilo...*

Bem... A placa estava na Rue de Plaisance, 45. Ele também morou em outro endereço, mas ficou aí por um

longo tempo. Ele tinha um quarto em um apartamento compartilhado. Não sei se uma placa deveria ter sido afixada, mas, no final, é absolutamente odioso da parte destas feministas a terem retirado. Embora não se fale tanto sobre Guy Hocquenghem, ele tem o mérito de ter trazido ao debate público um dos fenômenos da moralidade ocidental, talvez o mais importante em sua época, que foi o reconhecimento da homossexualidade, a possibilidade de falarmos publicamente sobre isso, o fato de que passou a existir uma liberdade de expressão a esse respeito, o fato de que hoje há muito mais homossexuais que ousam se declarar... É um fenômeno social importante, mas então se decide arbitrariamente remover uma placa que indica onde ele morou.... É abominável, e todas as justificativas para isso são inaceitáveis.

— *Esta placa foi retirada em nome da luta contra a pedofilia...*

O que foi dito sobre pedofilia é absolutamente ridículo. Se havia alguém que não poderia ser pedófilo, ao ponto de que até mesmo lhe causava horror a presença de crianças, esse alguém era Guy Hocquenghem...

— *Ao ler seus trabalhos [os de Hocquenghem], parece óbvio que as considerações sobre infância ou adolescência estão ligadas às suas próprias memórias como criança ou adolescente, e não ao olhar que ele lançaria enquanto adulto sobre as crianças... Ao relatar o início de sua adolescência, ele evoca frequentemente seus próprios desejos de ser raptado e de fugir de*

dossiê rené schérer

*sua família. Isso é tão presente em seus textos autobiográficos quanto em suas obras fictícias. Por exemplo, em seu romance Eve, um narrador cuja descrição física se assemelha muito à de Hocquenghem, que é romancista, homossexual, da mesma idade que ele, vive em Paris e é soropositivo, recorda sua adolescência, os anos passados no colégio e sua busca por relacionamentos com homens mais velhos nos banheiros públicos de Paris...*

Sim, é isso mesmo. Posso estar exagerando quando digo que ele tinha horror a crianças, ele não as odiava estritamente falando, mas não tinha absolutamente nenhuma atração, especialmente sexual, por crianças, então é ridículo acusá-lo de pedofilia.

— *E como você explica o fato de algumas pessoas o considerarem um apologista da pedofilia?*

Historicamente tem ocorrido uma mudança de mentalidade, uma mudança que parece mesmo cerebral, uma mudança completa na raça humana que tem ocorrido, pelo menos no Ocidente, desde de 1996 aproximadamente, partindo de várias campanhas contra a pedofilia, e levando ao alargamento da noção de infância, passando a abranger toda a menoridade, o que corresponde a uma nova situação familiar, que criou no cérebro humano uma aversão agressiva contra o que tem sido chamado, de uma forma absolutamente universal, sem levar em conta qualquer nuance, a pedofilia. Ou seja, temos tendido, e estamos certamente tendendo, para relações de desejo,

relações sexuais normativamente estabelecidas a partir da equivalência ou pelo menos de um equilíbrio numérico de idades...

— *Observamos também que, muitas vezes, a reflexão sobre os desejos — incluindo os desejos sexuais que se manifestam na infância — é confundida com o que seria uma defesa do abuso sexual cometido por adultos sobre crianças, ou com a apologia de uma intervenção do adulto sobre o corpo da criança. Enquanto, por exemplo, no caso de Hocquenghem, trata-se sobretudo de repensar a sexualidade e as normas a partir do território da infância...*

É isso. Sobre este ponto, penso com Nabokov, que diz através de Lolita que, para ela, a sexualidade é algo que se pratica na infância, e que nada tem a ver com os adultos. O que ela considera obsceno é a relação dos adultos entre eles, e não a experiência das crianças. E isso é verdade, porque a sexualidade é uma espécie de jogo, não é uma operação física. Ou então, se considerarmos que se trata de uma operação física, então precisamos de leis imperativas, como em Roma, onde a Lei Júlia, no início do Império, imperativamente ordenou aos cidadãos que tivessem descendentes, portanto que tivessem um casamento heterossexual, mas Roma temperou isso autorizando todas as formas de sexualidades diferentes.

— *Você considera, portanto, que existem diferenças nas formas como um adulto e uma criança se relacionam com a sexualidade.*

Sim. Nós não compreendemos os desenvolvimentos da sexualidade infantil porque a sexualidade está ligada no senso comum à ideia de penetração. Jean-Louis Bory, que era professor de literatura, mas também estava preocupado com questões de sexualidade, estabelecia a diferença entre o que acontece acima da cintura e o que acontece abaixo da cintura. Isso é verdade de certa forma, mas é parcial. A ideia de sexualidade, ou de polimorfismo, não está necessariamente ligada à ideia de penetração. E, de fato, a penetração de uma criança por um adulto é ao mesmo tempo impensável e absurda. Se considerarmos que a relação entre uma criança e um adulto está ligada à penetração como num caso de um homem e uma garota, por exemplo, é óbvio que se trata de atos que são abomináveis, é indiscutível.

— *Chegando aos seus escritos e contextualizando-os, talvez você possa começar por explicar o que o motivou a escrever sobre a infância?*

É essencialmente o maio de 68 que me convoca a isso... Eu já havia feito alguns pequenos trabalhos sobre o assunto, também havia falado a respeito em aula, quando eu era professor no Louis-le-Grand e no Henri IV, mas ainda não havia escrito um livro sobre isso. Foram os movimentos dos alunos do colegial, que aliás, tiveram suas raízes na infância, não só em turmas que se dizia serem superiores, mas também em turmas preparatórias, no sexto e quinto anos, que isso se acentuou. Foi, de um lado, um movimento real na rua e, de outro lado, uma tendência na análise das situações.

— *Você foi um ativista, durante e depois de 68?*

Eu era sem ser, quer dizer, com François Châtelet, Olivier Revault d'Allonnes e Jean-François Lyotard, estávamos no ensino e éramos quase os únicos a estar do lado dos alunos. Havia também Gandillac, mas ele estava na universidade, e nós éramos professores do ensino médio. Os outros eram temerosos e repulsivos em relação aos movimentos estudantis. Portanto, em certa medida, estávamos entre aqueles que defendiam a revolta ou os movimentos estudantis, sim. Mas eu nunca fui membro de nada.

— *Nem mesmo da Frente de Ação Revolucionária Homossexual (FHAR)?*

Não.

— *Você se inspirou muito no pensamento de Charles Fourier. Em O pós-maio dos faunos [L'après-mai des faunes], como introdução à transcrição de uma palestra que vocês deram juntos em 1972, Hocquenghem escreve que depois de maio de 68 o interesse em Fourier se opôs ao retorno a Marx althusseriano ou ao retorno lacaniano a Freud. Você pode dizer mais?*

Esta é uma crítica que foi feita contra os normalizadores e medicalizadores que defendiam o marxismo ou a

psicanálise. Ora, o pensamento oriundo do maio de 68 é antinormalizante e antimedicalizante. É o simples desenvolvimento, a partir desta ideia, de uma vontade de lidar com as questões do desejo de uma maneira que não é nem médica, nem normalizante. Era uma ideia simples, e que impulsionava todas as tendências. Por isso eu considero que o pensamento de Fourier se alinha com um retorno a Freud. Embora eu fosse muito amigo de Simone Débout, eu não concordava com ela, que era muito freudiana, pelo menos no que concerne à ideia de que Fourier pudesse ser um precursor de Freud.

— *E por que Fourier?*

Porque ele foi colocado seja entre os anunciadores, seja entre os utópicos após a Revolução Francesa. Porque Fourier veio depois da Revolução Francesa, ele faz parte de um grande movimento que originalmente compreendia Saint-Simon, que mais tarde incluiu Proudhon, que abrange anarquistas, quer dizer, socializantes que não são socialistas e que não pensam tanto em termos de classes sociais e de luta de classes, mesmo que aceitem esta noção, mas que funcionam a partir das incursões do pensamento desejante. São pensadores que não pertencem estritamente ao pensamento socialista, mas que podem ser integrados ao socialismo, e que ajudam a pensar o que não pertence precisamente à luta de classes, e sim às forças subjacentes que animam a sociedade, ou seja, que não são conotadas de forma precisa pela luta de classes, que a luta de classes esquece, que a luta de classes deixa para trás. A luta de classes pode ocorrer, mas a situação das mulheres

ou das crianças permanece exatamente a mesma, uma situação de dominação e exclusão, tanto entre trabalhadores como entre ricos. Há algo na classe trabalhadora ou na classe dominante que é idêntico, e que mantém uma parte da sociedade num estado de sujeição e privação. É por isso que em 1969, em inspiração comum à liberação da homossexualidade, houve também liberação das mulheres, o MLF, com Christiane Rochefort em particular, que inspirou Guy Hocquenghem a pensar na condição dos homossexuais, e eu pensava na questão das crianças. Era tão simples quanto isso, não é mais complexo.

— *Quando Christiane Rochefort pensou na liberação das mulheres, ou Guy Hocquenghem pensou na liberação dos homossexuais, eles o fizeram expressando-se a partir de sua própria condição. Como fazer para escrever enquanto adulto sobre as crianças?*

Como disse Descartes, éramos crianças antes de sermos homens. Eu escrevo sobre mim mesmo, tendo em vista que fui criança, como todo mundo. A infância pertence a todo mundo... Se você escreve sobre a infância, escreve antes de tudo sobre si mesmo, ou seja, sobre as lembranças que você tem de ser uma criança.

— *Você teve uma infância feliz?*

Você usa expressões realmente curiosas... “uma infância feliz” ... Efetivamente, eu não fui torturado por um pai feroz que me chicoteasse, como num romance de Zola... Tive uma infância como todo mundo... Mas o que lamen-

tava bastante em minha infância é que as crianças aprendiam sobre sexualidade muito tarde na vida. O assunto ocupa muito espaço, mas falamos dele muito tarde na vida.

— *Num livro sobre a sua concepção de desejo [Penser le désir: a propos de René Schérer], Maxime Foerster escreve que você nos convoca a nos reconectarmos com nossa própria infância, para cada um “tornar-se seu próprio pedófilo” e praticar “cotidianamente sobre si mesmo o rapto menor para escapar ao trabalho de educação promovido pela sociedade” ...*

Isso não é bobagem. Estas são coisas difíceis de expressar, muitas vezes apenas aproximativas, mas é disso que se trata. Há também no que escrevi algo que vem do pesar de ter tido uma infância que de alguma forma foi privada de qualquer tipo de experiência sexual.

— *Existe ainda hoje a crítica à família, em nome da luta contra a violência, ou, mais raramente, em nome da crítica à vigilância excessiva das crianças, mas os leitores de hoje podem se surpreender, lendo textos escritos sobre a infância nos anos 70, com a onipresença da linguagem do desejo e da sexualidade.*

Ah, talvez, é possível... Pouco depois de 68, houve movimentos em direção à expressão de desejos, de expressão do sexo, de transformação dos comportamentos e costumes. Foi uma ruptura com a ignorância, uma crítica à reserva na qual se mantinham detidas as crianças, com o confinamento da infância, mesmo que a escolha da pala-

vra confinamento seja hoje talvez infeliz. Alguns autores haviam mostrado que a infância real não correspondia à infância fabricada por famílias ou escolas. Houve, portanto, um movimento de reação contra esta visão dogmática, pedagógica e limitada da infância, um movimento que se abriu no plano da imaginação, dos mitos, narrativas etc., para a ideia da criança como criança. Mas hoje retornamos ao dogma da infância e de sua inocência... Há, obviamente, uma certa forma de inocência na infância, que não deve ser desprezada, mas a ideia da inocência da infância no sentido de que as crianças ignorariam toda uma série de coisas, mesmo que as experimentem em si mesmas, é profundamente dogmática. O que eu queria mostrar é que do lado do desejo havia coisas vividas, provadas, que não podiam ser expressas, mas que existiam.

— *Assim, quando você lê Fourier, você reflete sobre os desejos das crianças, incluindo os relacionados à sexualidade, embora o imperativo de Fourier seja que não haja sexualidade infantil...*

Sim, ele critica a sexualidade infantil, mas eu trato disso num pequeno texto, no qual explico que é a amizade na infância que substitui a sexualidade, é a atenção dominante, porque não haveria aí paixão não amorosa.

— *Mas em seu primeiro texto sobre Fourier, você ainda estava surpreso, não conseguia entender.*

Sim, porque eu estava um pouco siderado pela análise freudiana e procurava pensamentos freudianos em Fourier, mas não há nenhum...

— *Para explicar a negação do desejo das crianças, no início dos anos 70, você descreveu o “panóptico da infância”, ou seja, a maneira pela qual é instituída a vigilância permanente da criança. Isso foi antes de Michel Foucault estender este conceito a todo o campo da sociedade disciplinar em Vigiar e punir...*

Era independente do trabalho de Foucault. Eu tinha ouvido falar do panóptico através de Jean Lacroix, professor de filosofia em Lyon, no Lycée du Parc. Ele foi colunista de filosofia no *Le Monde* durante algum tempo.

— *E você estava discutindo isso com Foucault?*

Não, Foucault não gostava de falar sobre filosofia fora de suas aulas e livros.

— *Um de seus livros sobre a infância, Coir, foi escrito com Guy Hocquenghem, e nós tomamos a decisão em nosso artigo intitulado Le système de l'enfance - Lectures de Guy Hocquenghem et René Schérer, de analisar seus escritos e os de Hocquenghem ao mesmo tempo. Dito isto, talvez você possa nos dizer se houve alguma diferença entre vocês, em suas abordagens...*

Há diferenças, é claro, todos veem as coisas como lhes concerne, não se escreve da mesma maneira, mas concordamos sobre pontos comuns. O que fizemos em *Coir* foi uma escrita comum, uma escrita que veio de discussões comuns, mas ao mesmo tempo de textos escritos necessariamente por uma pessoa, textos escritos separadamente, mas que se tornavam comuns em um determinado momento. E nós escrevíamos com base em acordos. Nossa comunidade de espírito vinha de pensarmos que as ciências humanas, a psicologia e a sociologia deram apenas imagens parciais da infância, porque estas imagens são extraídas da observação, de entrevistas protocolares com crianças, passando ao largo da imaginação, que é de fato o elemento essencial da abordagem da infância. Abordamos a infância através da memória, através da imaginação. Conseqüentemente, as ciências que afirmam ser objetivas sobre a infância são menos precisas do que aquelas que apelam para a subjetividade da memória e da imaginação.

— *Vamos falar de Coir. Podemos começar com o título...*

Inicialmente eu o havia intitulado “Sistema da infância”, porque já tinha tratado da relação entre sexualidade e pedagogia em *Emílio Pervertido* [*Emile perverti*], indicando que a reflexão deveria ser estendida a toda a infância, ao que havia chamado de sistema de infância. Mas foi Guy Hocquenghem quem me disse que não era um título muito bom, pois soava um pouco dogmático, e porque se tratava menos de um sistema do que de um conjunto de variações sobre temas. Por isso, ele inventou o título, *Coir*. É uma palavra latina, que significa “acompanhar”, e designa a

possibilidade de um acompanhamento, de um movimento, de uma errância ou de uma deriva desejante, atravessando diferentes aspectos da infância, especialmente aqueles manifestados em obras não científicas, que pertencem ao domínio do desejo, da imaginação, da escrita, da arte etc. Além disso, ao contrário do que você escreveu em seu artigo, não há nenhuma referência ao «Qu'ouïr» de Lacan... Eu não li isso em Lacan. De outro lado, li o que Lacan escreveu sobre o *Sinthome*.

— *Coir está situado num debate com os discursos psicanalíticos da época...*

Sim, é parcialmente inspirado pela psicanálise, mas tanto eu como Guy Hocquenghem insistimos que é também contra a psicanálise e contra a psiquiatria da infância e da homossexualidade... O *Coir* toma emprestada de Freud, num sentido positivo, a expressão “perversão polimorfa” para definir a criança. No momento da puberdade e da emergência do potencial reprodutivo, tanto em meninas como em meninos, há transformações tanto corporais quanto emocionais que concentrarão todos os problemas em torno da sexualidade como orgânicos e fisiológicos. Mas esta potencialidade cobre apenas uma parte do desejo, aquela voltada para a procriação. O instinto de reprodução é a parte principal da sexualidade nos animais, mas no gênero humano há uma difusão da sexualidade que ocorre antes, e de outra forma, em toda a superfície do organismo e do corpo, e que não pode identificar a sexualidade simplesmente com uma potencialidade pro-

criadora. Isto é essencialmente o que admitimos a partir da psicanálise.

— *Portanto, é uma questão de, a partir da atenção à subjetividade das crianças e de uma compreensão da sexualidade infantil, traçar o aprendizado das normas, o processo que leva à sexualidade adulta, genital, heterossexual e reprodutiva, para avaliar melhor ao que temos renunciado.*

É isso. O que é interessante em Freud é a descoberta de uma sexualidade infantil, mas ela mesma é rapidamente penalizada, orientada no sentido genital, como podemos entender pela captura de toda a sexualidade em torno da genitalidade, da penetração, da fertilização, sobre algum tipo de devir animal ou, pelo menos biologicamente, da sexualidade, já que a sexualidade é o ato que dá origem à geração. Estudar a sexualidade humana é, portanto, investigá-la, não contra nossa animalidade, é claro, mas fora de um propósito que se manifesta exclusivamente no instinto animal.

— *Mas Freud não critica este aprendizado de normas ao ponto de reduzir a sexualidade a sua dimensão genital, ele parece até considerar isto como uma progressão da criança...*

Sim, já que estabelece estágios... Ele considera que existe uma sexualidade que é verdadeiramente formada, e que ainda não está formada, portanto é polimórfica, e na infância é uma sexualidade polimórfica. Portanto, existe

um tipo de ambiguidade. Há uma espécie de abertura da sexualidade para a infância e, ao mesmo tempo, uma espécie de orientação finalista da sexualidade para a geração. É por isso que, se falamos de orientação genética, ela também vem de um *background* que se desenvolve em direções tão variadas quanto os movimentos marítimos... Pois a criança tem tendências, mas como diz alguém que escreve coisas interessantes sobre a infância, chamado Levinter, é comum que se afaste a criança do que ela gosta. Ou seja, quando as crianças amam algo, no nascimento dos pensamentos inconscientes de que Freud fala, há esta tendência de privar a criança exatamente disso. Este é especialmente o caso por parte dos pais, no que Freud chama de romance familiar, por exemplo com o tabu religioso do incesto, mas pode ser aplicado fora da família, com pessoas que são assimiladas aos pais.

— *Para você, o tabu do incesto é apenas religioso? Parece ser um tabu universal... Não?*

Sim, não estou necessariamente falando da religião cristã, obviamente, ela pode ser monoteísta ou politeísta... Há também religiões que parecem aceitá-lo, por exemplo, na Grécia antiga, onde o incesto é cometido por deuses diferentes, mas é sempre entre os deuses e não entre os humanos que o incesto é definido. É religiosamente universal, ou seja, é sempre definido por alguma religião, seja ela monoteísta ou politeísta. O incesto não é historicamente definido fora das noções religiosas. A sodomia, também, é definida apenas religiosamente. Ela só é definida a partir da condenação de Sodoma, caso contrário não

existiria, não faria sentido. A palavra “sodomia” tem sido usada historicamente, mas antes da introdução e extensão do cristianismo, a noção de sodomia não existia.

— *Não é paradoxal, então, que esses tabus estejam se tornando cada vez mais fortes hoje, em uma sociedade menos religiosa do que nunca?*

É um paradoxo, mas não é totalmente contraditório. É muito nítido que todas as proibições da religião vêm sendo transferidas para a sociedade civil.

— *O fato de ter relativizado a universalidade dos tabus é às vezes interpretado hoje como uma forma de incitar as pessoas a se livrarem deste ou daquele tabu...*

Mas eu não sou um definidor de comportamentos ou modos de ação! Apenas constato... No que diz respeito aos tabus, penso que esta abordagem religiosa enfatiza a importância de gestos que não são necessariamente tão vitais e tão importantes quanto gostaríamos. Philippe Ariès, por exemplo, mostrou que a importância da sexualidade na infância foi subestimada em certas religiões, incluindo o Islã, a propósito. O Islã praticamente considera que a criança não tem sexualidade. Em outras palavras, a sexualidade infantil é permitida precisamente porque a criança é considerada como não tendo sexualidade. Philippe Ariès também estudou o diário do médico de Luís XIII, e ele mostra que na época as crianças não eram consideradas

como tendo uma sexualidade propriamente dita, por isso eram tratadas com laxismo e permissividade. Ou seja, eles não estavam preocupados com sua conduta, exceto na religião, com os Padres, ou em Erasmo.

— *Um julgamento de intenção análogo ao que você está passando hoje está sendo feito contra psicanalistas, que são acusados em certos discursos da mídia de legitimar o incesto através de seus desenvolvimentos sobre o complexo de Édipo e a sexualidade infantil, ou de legitimar a pedofilia porque eles procurariam explicar isso.*

Na psicanálise, a “pedofilia” é definida de forma bastante precisa, do ponto de vista da maturidade reprodutiva dos órgãos, enquanto atualmente há uma tendência para estender a noção de pedofilia, estendendo a infância à noção geral de menoridade, enquanto as relações com jovens menores de 18 anos, em princípio, nada têm a ver com pedofilia.

— *Anteriormente você falou de sua oposição a certas concepções psicanalíticas. Podemos também voltar ao fato de que, ao contrário do que às vezes se afirma, você também não defendeu nenhuma “liberação sexual”, não estava de modo algum de acordo com o Freudo-Marxismo e aqueles que foram inspirados por Wilhelm Reich a clamar pela liberação de um desejo supostamente espontâneo e natural...*

Não, não com Reich, do qual Deleuze e Guattari estão mais próximos, pois o citam e adotam suas ideias, pelo menos em parte, num modo de pensar reichiano. Quanto a mim e a Hocquenghem, não vamos por este caminho em razão de percebermos em Reich um olhar ainda demasiadamente psiquiátrico e normativo... Um dos argumentos do Reich em *A luta sexual da juventude* é o de que, se as relações sexuais fossem permitidas mais cedo, então não haveria homossexuais, porque para Reich — e é contra isso que parte do *Desejo Homossexual* de Hocquenghem é construído — a homossexualidade deve ser curada pela precocidade das relações sexuais... Enquanto Guy Hocquenghem aborda a homossexualidade como um desejo em si mesmo, e não em relação à normalidade.

— *E você, como se aproxima disso?*

É bastante complexo... Certamente a homossexualidade pode ser condicionada, e algumas homossexualidades, especialmente as ocasionais, são condicionadas pela privação da realização sexual, se você quiser, “natural”. Mas é também, se não o fundamento, pelo menos uma parte constante do desejo.

— *Em Coir, há esboços de reflexão sobre o que é forçosamente violento e traumático para uma criança e, ao contrário, o que não é, tanto em suas experiências como nos contatos com os adultos. Há passagens muito claras em Coir sobre o trauma da penetração da criança pelo adulto, ou criticando a sexualidade adulta imposta à criança, além de evocações de formas de*

*sensualidade ou erotismo na vida da criança ou em sua relação com o adulto, que não são traumáticas. Há, no entanto, poucos exemplos específicos...*

Exemplos específicos... Mas eu não sei nada sobre isso! Como você quer que eu saiba? *Coir* é uma digressão, que foi traduzida para o alemão como “Mitos e ritos da infância”, não é uma descrição experimental, é uma experimentação baseada nas mitologias que os romances, histórias e poemas têm desenvolvido em torno da infância. A questão é: o que se pode desenvolver a respeito da infância que necessariamente é feito pelos adultos?

— *Então seu objetivo não era dizer o que deveria ser proibido ou permitido?*

Absolutamente não... Seria falso dizer que eu só escrevo generalidades, porque um pensamento puramente geral não seria notado, mas é preciso pensar a partir de questões de princípios, questões críticas. É certo que este é um livro crítico, mas em absoluto nunca se tratou de um livro prescritivo, assim como *Emílio pervertido*, que é essencialmente crítico. Ele não tem nada de particularmente afirmativo. Não diz “isto é o que deveria ser”, “isto é o que não deveria ser”. Tenho a franqueza de assumir que sou profundamente ignorante sobre o que deveria ou não deveria ser. É exatamente isso que estou contornando, estou simplesmente definindo o quadro no qual estamos situados. *Emílio pervertido* é um livro que me foi recomendado pela editora Mame, que é uma editora religiosa,

sobre a introdução da educação sexual na França, e eles o recusaram. Por isso o apresentei em Laffont, porque Jean-François Revel, que era o diretor da coleção, gostou muito do livro e o aceitou.

— *Emílio pervertido é finalmente um trabalho que trata não da educação sexual, mas da distância tomada pela pedagogia em relação ao corpo...*

A relação educacional é sempre sexual e não-sexual. Alguém que está em uma relação, de qualquer tipo, seja corporal ou verbal, com uma criança, tem uma tendência pedagógica, isso é certo. Mas se ele quer exercer uma relação pedagógica real, ou uma relação coletiva, ele é obrigado a eliminar a parte desejosa, a parte da sexualidade. É por isso que estou me referindo a Alcibíades e Sócrates, uma relação que nada tem a ver com pedofilia, a propósito, mostrando apenas o seguinte: na medida em que a relação é pedagógica, ela não pode ser sexual.

— *E o fato de uma relação se tornar sexual põe um fim à relação educacional? Sua relação com Guy Hocquenghem, por exemplo, de quem você chegou a ser professor...*

Mas isso não é mais uma questão de infância... Não é bem a mesma coisa...

— *Depois de Emílio pervertido e Coir, você publicou Uma erótica pueril [Une érotique puérile], sobre o erotismo ligado à infância, e especialmente à adolescência. Um livro talvez mais assertivo do que os anteriores.*

Não, não é afirmativo, não é experimental. É somente no livro *O feitiço das crianças entre nós [L'emprise des enfants entre nous]* que me baseio em pesquisas e entrevistas com as próprias crianças. Em *Uma erótica pueril*, trata-se de uma documentação retirada de certas formas experimentais, mas com todas as reservas, já que se trata de uma experiência literária, livresca. Você verá bem que o interessante aí está essencialmente nos autores e nos textos que utilizo. É o mesmo para Guy Hocquenghem, que gostava particularmente de Henry James e Stevenson. Ele escreveu um artigo chamado *James-Stevenson*, ou seja, ele assimilou ambos, afirmando que eram autores eminentes que falavam sobre a infância.

— *Em outro de seus livros, O corpo proibido [Le corps interdit], você estava pensando em uma pedagogia que não distanciasse mais o corpo.*

Sim, mas em 1996-97 houve uma campanha extremamente violenta, chegando ao ponto de se opor a certas ações, que eram consideradas sexuais. Os professores e educadores do jardim de infância ou das séries iniciais tiveram que parar de beijar ou abraçar os alunos. Isso parece estar voltando, e implica todo um conjunto de práticas de caráter corporal que existe na relação pedagógica, por

exemplo, através de gestos, como beijar os alunos quando eles chegam na sala de aula. Hoje em dia, já não consideramos esses gestos como sendo sexuais. Que esses gestos são tingidos de sexualidade, até certo ponto sim, mas isso não tem o perigo nem o caráter de uma mistura de gêneros, uma mistura que seja perigosa para a criança ou para o adulto.

— *Muitas pessoas relataram abusos recentemente, particularmente na infância ou adolescência. Elas também explicaram o que acreditam ser os traumas resultantes de tais abusos. Como você vê isso?*

Não há dúvida de que existe tanto a violência, a verdadeira violência, quanto a autovitimização, que se baseia, se não na invenção, pelo menos em exageros. A situação da vítima é estimável, pois às vezes pode ser questionada. Você também tem razão em escrever em seu artigo que as feministas denunciam uma “suposta tolerância” em relação à pedofilia, isso é apenas suposto, as prisões estão realmente cheias de criminosos sexuais... Finalmente, “trauma” também é uma palavra freudiana. Há muita violência, desordens, coisas que estão inscritas na infância e que permanecem, mas considerá-las necessariamente como traumas fundamentais é essencialmente psicanalítico, e isto provavelmente é exagerado, ou pelo menos depende das pessoas, dos contextos, em minha opinião.

— *E como você vê os movimentos homossexuais ou LGBT atuais, que estão focados na denúncia da violência e na defesa*

*das demandas por igualdade no casamento e na formação da família?*

Eu havia assinado uma petição de casamento entre pessoas do mesmo sexo, concordei com ela, o que é diferente de estar totalmente de acordo. Não há dúvida de que se você não assinou por casamento entre pessoas do mesmo sexo, isso significava que você estava assinando contra ele, e eu estou do lado daqueles que fizeram campanha por casamento entre pessoas do mesmo sexo, como Didier Eribon, por exemplo. Mas não sou a favor no sentido de que eu, por exemplo, queira me casar. Como Pasolini, que era contra o aborto em nome de uma espécie de misticismo a favor da vida e do amor, mas que, no entanto, era a favor do aborto, na medida em que ajudava a causa das mulheres, o que não é contraditório. Concordo com Alain Naze, que escreveu recentemente um livro sobre normalização homossexual. Concordo plenamente com ele. Há uma orientação da homossexualidade que negligencia uma certa quantidade de dados em nome da normalização. O ponto principal é que queremos normalizar a sexualidade. Embora a homossexualidade seja essencialmente a anormalização da sexualidade, se pudermos fazer esse jogo de palavras, ou seja, se ela abandona suas regras, ou seja, o casamento, essencialmente, e toda uma série de outras expectativas, tais como a exclusividade de parceiro, o contrato etc., ela é, ao contrário, multiplicidade e dispersão. Além disso, Guy Hocquenghem soube expressá-lo bem, e é por isso que ele também se volta para Fourier, na medida em que o novo mundo de Fourier é a multiplicidade das formas de amor, não é sua exclusividade, a limitação de um único tipo de existência no casamento,

mas a diversificação, variação, multiplicidade, polimorfia. É o polimorfismo. É por isso que somos atraídos por esta definição de polimorfismo, que é apresentada como uma característica essencialmente infantil, mas que não está necessariamente confinada à infância, que também pode ser percebida na adolescência ou na vida adulta. A criança não deve ser submetida ao adulto por uma certa ideia de sexualidade unilateral e finalista, é muito mais o adulto que se abre ao polimorfismo.

— *Um dos argumentos daqueles que estão atacando você, por exemplo, pessoas que falaram contra Hocquenghem ou contra você neste verão, é que você teria realizado a operação de ligar seus pensamentos sobre o desejo homossexual aos da infância, ou mesmo sobre pedofilia, para, dizem eles, tentar tornar a pedofilia mais tolerável...*

Ah... Há necessariamente uma tendência entre um e outro, pois se existe uma orientação sexual para a homossexualidade, ela obviamente começa na infância, não se apresenta de forma estanque, brusca, na adolescência, quando haveria uma suposta atração natural dos sexos entre eles. O problema, portanto, surge quando, na idade adulta, a análise procura mostrar que as tendências naturais da criança ainda estão presentes, e têm o caráter de homossexualidade ou pedofilia. Esse é simplesmente o ponto comum.

— *E quando você decidiu ligar suas reflexões sobre a homossexualidade àquelas sobre a infância?*

É difícil responder... Era um princípio de ordem geral, ou seja, ligado à tendência indicada pelo desejo homossexual e pelas orientações do pensamento de 1968 para questões que não eram estritamente políticas, embora pudessem ser definidas em termos políticos, que diziam respeito ao desejo acima de tudo, e que tinham sido ligadas por Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo*. Todas estas questões são tratadas ali, o que me deu a ideia de acentuar a orientação e concentrá-la de forma mais explícita na infância, que só havia sido abordada de forma acessória.

— *Você estava discutindo seus pensamentos sobre a infância com Deleuze e Guattari?*

Como Foucault, Deleuze e Guattari — especialmente Deleuze — tinham um horror de falar sobre filosofia, não. Deleuze dava seus cursos de filosofia, mas detestava discutir filosofia com qualquer pessoa. Nestes termos, digo apenas que lhe enviava meus escritos, ele os recebia e sempre me dava apreciações favoráveis.

— *Mas, então, sobre o que vocês conversavam?*

A respeito de tudo e nada, sobre o sol e a lua, de coisas e coisas. Seria um bom assunto, a propósito, saber quais são os temas da conversa...

— *Mais recentemente, nos anos 90, 2000, você escreveu sobre hospitalidade e acolhimento de estrangeiros... Especialmente os livros importantes Zeus hospitaleiro e Hospitalidades.*

Ah! Esse é o que mais gosto sobre hospitalidade, embora não seja muito completo porque escrevi outros artigos depois, que apareceram em *Chimères* e que não foram republicados. É sobre Fourier e hospitalidade, sobre algo bastante sutil, que é a transformação através da hospitalidade da paixão desejante ou da paixão amorosa, a hospitalidade atuando nas mutações passionais.

— *Você também associa hospitalidade ao erotismo...*

Isso mesmo, também escrevi sobre isso em um livro chamado *Passagens Pasolinianas*, que foi publicado em Lille, no Septentrion.

— *Você está se baseando em seu filme Teorema...*

Não só, mas sim, *Teorema* é essencial, devido à intervenção de seu personagem principal, o hospedeiro, o *ospite*...

— *Em Zeus hospitaleiro você se refere aos livros A beleza do mestiço [La beauté du métis], de Guy Hocquenghem, e Um cativo apaixonado [Un captif amoureux], de Jean Genet, sobre os palestinos...*

Genet se considerava um anfitrião dos *Panteras Negras*, depois dos palestinos. É uma relação que é ao mesmo tempo um encontro e uma relação amigável.

— *E em Genet a reunião e o interesse pelo outro estão muitas vezes ligados a formas de erotismo e fantasia...*

É isso. Em Genet não há nenhuma declaração que não seja transposta ao mesmo tempo com uma certa fantasia. Não há linguagem de denúncia que distinga esta transposição da verdade, não há coisas objetivas e subjetivas que estejam muito bem separadas uma da outra. Eles estão sempre um com o outro. Além disso, a abordagem de Jean Genet em relação à sexualidade é muito hiperbólica. Acho que só pode ser evocado por hipérbole ou eufemismo, não literalmente.

— *Você conhecia Jean Genet?*

Uma amiga minha, Kateb Yacine, já foi bastante próxima de Genet, mas eu só o encontrei uma vez. Eu lamento, aliás. Se eu soubesse que ele desapareceria, eu teria tentado me aproximar dele. Mas não se pode prever, não se pode saber...

— *Lendo Genet, Hocquenghem, mas também seus escritos, seja Uma erótica pueril, seus escritos sobre hospitalidade, ou*

*um artigo publicado em 2008, Velhotes da Harmonia<sup>2</sup>, podemos nos perguntar se não há um paradoxo. De um lado, a sexualidade ou erotismo podem ser vistos como uma atividade ou dimensão da existência entre outras, mas, de outro, temos a impressão de que é principalmente através dela que podem ocorrer encontros, ou porosidade entre povos ou entre gerações...*

É o que Fourier chama de paixões de grupo. Ora, os grupos se associam de acordo com o amor, a amizade, a ambição etc. Portanto, existem formas emulatórias, amorosas ou amigáveis, que se entrelaçam. Nunca se pode dissociar algo de um complexo. Estamos sempre lidando com complexos, nunca com coisas que são rigorosamente simples, separáveis umas das outras.

— *Em 2009, você atuou no filme de Emilie Deleuze *A deux c'est plus facile, que é um filme sobre o vínculo entre gerações e a hospitalidade...* A escrita do roteiro foi influenciada por seu trabalho?*

Emilie Deleuze escreveu o roteiro. Não interferi na composição deste filme, mas não sei se tive alguma influência. Se ela leu meus livros ou ouviu minhas ideias, pode ter sido inspirada por eles, não sei... De qualquer forma, é um bom filme, com Galabru, que foi um bom ator... Eu interpreto um homem idoso, ela provavelmente me convidou porque me conhecia, através de seu pai.

---

<sup>2</sup> René Schérer. Velhotes da harmonia in *verve*, n. 37. São Paulo, Nu-Sol, 2020, p. 9-24. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2020/06/verve37.pdf>.

— *Última pergunta... Em seu livro O feitiço das crianças entre nós, publicado em 1979, você traçou um paralelo entre a situação da menoridade, do confinamento, da rejeição das crianças, e a dos idosos. O que você diria sobre isso hoje, na sua idade?*

Eu não sei se identifiquei crianças e idosos, mas identifiquei separações e semelhanças de idade. Fiquei muito impressionado na época com a tristeza dos lares dos idosos, com a tristeza dessas semelhanças ou identificações de pessoas umas com as outras, quando na verdade o que é a própria variedade e mistura de existência é precisamente a diversidade, a interseção de idades. Mas sempre queremos proceder por identidade, exclusão, semelhança, e hoje estamos voltando ao tipo clássico de relações, com a autoridade parental, a inocência das crianças, e assim por diante.

— *Muito obrigado.*

Tradução do francês por Eder Amaral

*Indicado para publicação em 29 de agosto de 2022.*

***Real childhood, fabricated childhood — interview with rené schérer, Lundimatin.***